

PELE NEGRA, MÁQUINAS DO TEMPO: LEITURAS SOBRE LEGADO ESCRAVISTA E UTOPIAS ATRAVÉS DA VIAGEM NO TEMPO EM *KINDRED* E *DAWN* DE OCTAVIA BUTLER

— LETÍCIA DE OLIVEIRA

RESUMO

Ao longo do estudo da bibliografia do curso *Afropessimismo, Afrofuturismo e teorias críticas da raça*, ministrado pelo Prof. Dr. Marcos Piason Natali, foi possível identificar os múltiplos sofrimentos vividos pelas massas negras no mundo tomando forma de literatura, música, poesia, ensaios. Por vezes, esses sofrimentos se projetam em imagens de uma outra vida, mundos imaginários onde sonhos emaranhados de pesadelos constituem uma outra sociabilidade, marcada por desejos complexos e heranças malignas. Nas páginas que seguem, investigo o que pressuponho ser uma subversão estética feita por Octavia Butler nos tipos de viagem no tempo nos romances *Kindred* (1979) e *Dawn* (1987). Debateremos, em primeiro lugar, quais significados é possível extrair da comparação entre as formas de viagem no tempo, os tipos de deslocamento (presente → passado / presente → futuro) e as formas das máquinas – quando existentes – que possibilitam as viagens. Como *afropessimismo* e *afrofuturismo* se cruzam com a forma como essas viagens acontecem? Há um debate teórico relacionado às heranças da escravidão, assim como estratégias de superação dessas heranças, que seja possível desprender desses romances?

Palavras-chave: Octavia Butler; *Afropessimismo*; *Afrofuturismo*; Frantz Fanon.

ABSTRACT

While studying the bibliography of the course *Afropessimism, Afrofuturism and critical theories of race*, taught by Prof. Dr. Marcos Piason Natali, it was possible to identify the multiple sufferings experienced by the black masses in the world in the form of literature, music, poetry and essays. Sometimes, these sufferings are projected into images of another life, imaginary worlds where dreams entangled with nightmares constitute another sociability, marked by complex desires and evil legacies. In the following pages, I investigate what I assume to be Octavia Butler's aesthetic subversion of the types of time travel in the novels *Kindred* (1979) and *Dawn* (1987). Firstly, we will discuss what meanings can be extracted from the comparison between the forms of time travel, the types of displacement (present → past / present → future) and the forms of the machines - when they exist - that make travelling possible. How do *Afropessimism* and *Afrofuturism* intersect with the way these journeys take place? Is there a theoretical debate related to the legacies of slavery, as well as strategies for overcoming these legacies, that it is possible to detach from these novels?.

Keywords: Octavia Butler; *Afropessimism*; *Afrofuturism*; Frantz Fanon.

DANA DE *KINDRED*: PELE NEGRA, MÁQUINAS DO TEMPO

A popularização da estrutura literária da viagem no tempo é inaugurada na literatura ocidental pelo livro *Time Machine*, de H. G. Wells (Wells, 2005/1895). A sociedade futurista visitada pelo personagem principal no ano 802.701 d.C., está dividida entre castas, possivelmente desenvolvidas a partir da divisão da sociedade em classes. Enquanto os *Eloi* são frágeis e usufruem de uma vida em cima da terra, são os *Morlocks* que produzem tudo no subterrâneo sem direito ao sol e à vida plena, sustentando com o fruto de seu trabalho a vida da casta terrena. A potente metáfora é reproduzida na produção *Us*, filme de terror escrito e dirigido por Jordan Peele.

O viajante de Wells se parece muito com a imagem tradicional dos viajantes exploradores. Aliás, nas representações cinematográficas da obra de Wells, seu viajante no tempo parece com o posterior aventureiro Indiana Jones. Na obra de Butler em questão, *Kindred*, publicado originalmente em 1979, Dana, uma mulher negra é projetada ao passado em momentos nos quais um de seus antepassados se sente em risco de vida. Seu presente, no ano de 1976, é subitamente substituído pela vivência na realidade dura da escravidão do início dos anos 1800, em Maryland. As viagens ao passado, sempre involuntárias, são interrompidas por voltas ao presente por efeito do risco de vida a ela própria. E de novo, sem aviso, Dana volta ao passado para salvar outra vez seu antepassado se coloca ou é colocado em risco.

Ao olhar para as obras de Wells e de Butler, além do destino invertido, outra diferença relevante aparece: a intermediação do desejo. O viajante do tempo de Wells *sabe de sua viagem e deseja a conexão com outro tempo histórico*. Vamos a esse ponto antes de desenvolver os sentidos da inversão do movimento.

Dana não viaja porque quer. Assim que percebe o tempo e lugar aos quais foi levada, a reação da personagem é cuidar de sua própria segurança e temer pelo que pode experimentar *do que já sabe, do que já viu*. Os horrores do passado são sabidos, as cenas do horror escravocrata estamparam filmes e livros que passaram pelos olhos dessa personagem – e de todos nós – e não há nada que possa ser desejável no retorno ao passado. As cenas de sujeição, que por um lado buscam transmitir a quem lê a dor do escravizado – comum nos livros de relatos de resistentes que se deslocam ao norte, como *Nascidos na escravidão* (2020), ou *Narrativa de William Wells Brown* (Brown, 2020)[1] – por outro lado jogam com uma empatia que só se produz à medida em que o outro se coloca no lugar do negro, como se a história do negro sempre tivesse que ser mediada pela leitura do branco, seja no caso das narrativas de escravizados (*slave narratives*) seja no caso do exercício de empatia frente aos horrores da escravidão, como comenta Saidiya Hartman:

"Empatia é a projeção da própria personalidade sobre (ou dentro) de um objeto, com a atribuição ao objeto das emoções de quem as projetou." No entanto, a empatia confunde, em aspectos importantes, os esforços de Rankin[2] para se identificar com os escravizados, porque ao tornar seu o sofrimento do escravo, Rankin começa a sentir por si próprio e não por aqueles a quem este exercício de imaginação presumivelmente se destina. Além disso, ao explorar a vulnerabilidade do corpo cativo como recipiente para os usos, pensamentos e sentimentos dos outros, a humanidade estendida ao escravo confirma inadvertidamente as

[1] Ambas fazem parte de um gênero literário utilizado pelos grupos abolicionistas do norte dos Estados Unidos. Eram autobiografias que relatavam os horrores da escravidão e a busca por liberdade, encontrada no norte. Os leitores dessas obras eram em geral pessoas brancas.

[2] John Rankin (1973-1886) foi um abolicionista branco que também era pastor presbiteriano. Em Ohio, ficou conhecido como um ativo condutor da Underground Railroad (mesmo título de Harriet Tubman).

expectativas e desejos definitivos das relações de escravatura. Por outras palavras, a facilidade de identificação empática de Rankin deve-se tanto às suas boas intenções e à sua oposição sincera à escravatura como à fungibilidade do corpo cativo (Hartman, 1997, p. 19).

É curioso que a passagem ao passado da personagem de Butler se dê pelo desejo de um branco, Rufus, e não dela própria. O seu *não desejo* de retorno ao passado é compreensível, dadas as enormes ameaças que esse passado representa para ela, mas Butler conjuga a essa denúncia outra ainda mais poderosa: há séculos estão construindo narrativas sobre a escravidão baseadas no desejo do branco, não do negro, que nessas narrativas é inserido como mero objeto do outro. Dana é movida ao passado como objeto da dor de seu antepassado, um percurso realizado contra o seu desejo. Apesar disso e diferente de qualquer narrativa que debateu a escravidão com um ponto de vista negros como passivos frente ao movimento da história, Butler faz de Dana uma ávida perseguidora de um papel ativo frente a movimentos sobre os quais ela não tem controle, tendo inclusive ao longo de sua estadia nesse mundo passado, encontrado formas de impor seu desejo e sua vontade, calculando os riscos aos quais estaria submetida se levasse seu desejo às últimas consequências. Dana decide ensinar escravizados a ler, e inicia uma luta clandestina por mudar a forma como se educa a subjetividade de Rufus.

Também cabe mencionar uma distinção da corporalidade negra na ausência do desejo, que apesar de óbvia, caracteriza outra qualidade do uso da ficção da viagem no tempo por Butler. Se o gênero *viagem* para o homem branco se configura sobre os relatos de um viajante voluntário em Wells, remetendo ao explorador branco que vasculha e expropria a cultura e a realidade do outro. O *desejo branco*, ao se deslocar ao longo de séculos de história, se cristaliza como uma estrutura dessa história, que mantém seu sentido à medida em que o racismo permaneceu como uma ideologia manuseada pela classe dominante. *Dana* tem seu corpo sequestrado por esse desejo *histórico* do sequestro e mercantilização do corpo negro, e essa engrenagem histórica da luta entre liberdade e escravização, entre exploração e emancipação, dispara a viagem, ultrapassando o desejo individual de Rufus, que não parece entender bem o que acontece.

O tempo presente de Dana não é, entretanto, um tempo maravilhoso. Ela deixa uma casa-tempo, como ela própria explica, onde os problemas raciais estão instalados, heranças desse tempo maldito para onde ela viaja. Ainda que seja doloroso e racista, a partir do momento em que sai desse lar em que é leitora, escritora, dona de sua casa e parceira de um homem branco, Dana é obrigada, como defende Fanon, a “confirmar seu ser diante do outro” (Fanon, 2008, p. 103), neste caso, do outro escravocrata e escravizado. Vejamos como o revolucionário martinicano entende isso:

Enquanto o negro estiver em casa não precisará, salvo por ocasião de pequenas lutas intestinas, confirmar seu ser diante de um outro. Claro, bem que existe o momento de “ser para-o-outro”, de que fala Hegel, mas qualquer ontologia torna-se irrealizável em uma sociedade colonizada e civilizada. Parece que este fato não reteve suficientemente a atenção daqueles que escreveram sobre a questão colonial. Há, na *Weltanschauung* de um povo colonizado, uma impureza, uma tara que proíbe qualquer explicação ontológica. Pode-se contestar, argumentando que o mesmo pode acontecer a qualquer indivíduo, mas, na verdade, está se mascarando um problema fundamental. A ontologia, quando se admitir de uma vez por todas que ela deixa de lado a existência, não nos permite compreender o ser do negro (Fanon, 2008, p. 103-104).

Se entendemos a “casa” de Dana como seu local de moradia de forma mais ampla, entendemos que ao viajar ao passado, a nossa personagem *sai de casa*, e é obrigada a enfrentar o sentido de seu ser “para-o-outro” de forma como talvez uma visão histórica restrita impediria. O ser para si e para o outro, argumenta Fanon, é irrealizável numa sociedade colonizada, onde ao negro, ao árabe, ao colonizado, reserva-se o direito de existência apenas para uma funcionalidade pragmática ao colonizador. Deslocada para fora de seu tempo, Dana se pergunta sobre o sentido mais amplo de sua existência esticada pelo tempo histórico, costurado por uma sequência de nascimentos e mortes, geração pós geração. A questão levantada por Butler, nesse sentido, é de se é possível ao negro preencher um sentido existencial sem conectar-se, para além de si, com a própria estrutura sequencial da História, com letra maiúscula.

Enquanto os riscos do viajante de Wells se restringem a compreender e se salvaguardar das dinâmicas da própria sociedade em que chegou, uma sociedade herdeira da divisão da sociedade em classes, Dana é mobilizada por uma verdadeira ontologia colonial (Fanon, 2008) na sua visita ao passado produtor da herança maldita da raça. Seu ser, existente em seu tempo, neste outro é irrealizável, à medida em que sua existência como negra é a negação da sua humanidade; ela é coisa, e, portanto, não há síntese, apenas destruição. Dana inaugura, então, uma luta subjetiva: para existir, precisa negar seu conhecimento, sua existência, tornar-se coisa, sem enfrentar a violência que testemunha como condição para sua própria sobrevivência e a de sua linhagem, já que descobre que seus antepassados são fruto do estupro cometido por Rufus contra Alice Greenwood, uma escravizada que é ajudada por Dana diversas vezes.

Talvez o ato involuntário da viagem de Dana, que após episódios de mal-estar é lançada para trás e para frente na História, se pareça mais com o de Hank Morgan, da sátira *A Connecticut Yankee in King Arthur's Court* (Twain, 2006), que após desmaiar em 1889, acorda na corte do Rei Arthur na Inglaterra medieval. O enredo é quase exatamente o mesmo: pessoas comuns dos tempos modernos são levadas de forma involuntária para um passado indesejado. Mas a corporalidade desses personagens cria entre eles um paralelo um tanto quanto torto, afinal, a condição branca de Hank o permite fazer estripulias e adquirir prestígio, como um mago, um mágico, enquanto a particularidade negra de Dana faz com que qualquer “estripulia” seja perigosa. Deve *esconder* a leitura, a inteligência, a indignação. Impossível imaginar Dana propondo mudanças como um indivíduo criativo e de forma explícita como faz seu torto paralelo Hank. O caminho possível para ela é tentar mudar o mundo e ajudar pessoas através da clandestinidade, compartilhando rotas de fuga, estratégias de resistência e promovendo letramento.

O significado que a autora atribui à viagem de sua personagem é marcado por um olhar apurado sobre as determinações do que é ser negro em uma sociedade colonialista e, no caso de *Kindred*, escravista. É apresentada uma leitura da escravidão que se relaciona com a ideia afropessimista de que se trata de uma relação de propriedade mais do que simplesmente de trabalho forçado. A escravidão produziu em massas negras a sensação de *não ser*, uma anti-ontologia sobre a qual a branquidade circunscreve a sua própria (Racked & Dispatched, 2017, p. 8). Um *não ser* que confronta seu sentido sempre que pisa fora de casa – ou do tempo? – e que se reproduz geração após geração.

Se o viajante de Wells precisou de uma máquina e o de Twain de uma pancada na cabeça, a *máquina do tempo* de Dana é sua própria pele, seu sangue, seu corpo. A dobra temporal com o passado é a continuidade de uma existência como negra, que só se explica a si e ao outro com viagens no tempo que tentam dar sentido ao que não tem sentido: o racismo, as diferenças das condições de vida, de direitos, o assassinato pelas mãos da polícia, o aprisionamento em massa.

No universo fantástico de Butler, as estruturas estéticas da viagem no tempo são subvertidas para uma nova operação conceitual, e a antinegitude experimentada por cada negro se entende como a presença do passado capaz de explicar uma desumanização presente inexplicável.

O passeio doloroso de Dana é mobilizado, entretanto, por uma versão específica de sua herança. Os episódios de quase morte de seu antepassado Rufus são os catalisadores que a convocam ao passado, desvendando uma característica da hereditariedade escravocrata: o estupro da mulher negra pelo homem branco. Em *Perder a Mãe*, Hartman (2021, p. 122) comenta a familiaridade que temos com esse tipo de personagem. A volta ao passado mobilizada pelo homem branco mesquinho, que abandonou após violentar, é parte das “mitologias” de muitas famílias negras, assim como é conhecida a dor de reconhecer uma origem como essa. A cicatriz da mestiçagem só é possível ser vista quando se nega a resolução sonhada pelos teóricos do branqueamento racial, para quem a mistura acabaria com a raça negra. Dana, de Butler, é o oposto disso: sua negritude – e consequente vínculo com o passado – se configura a partir da mestiçagem, e não se anula por ela.

Resta refletir se a projeção ao passado através da raça – o corpo negro como máquina do tempo – se configura como uma estratégia de lançar o racismo ao passado, tal qual critica Denise Silva em “O evento racial” (Ferreira da Silva, 2016, p. 408), ou se trata-se, como a mesma autora define, de um “emaranhamento” (*idem*, p. 409) que recusa as fórmulas temporais que presumem uma separabilidade entre o outrora e o agora (*ibidem*). Arrisco defender o último. As convenções de viagem no tempo tradicionais, que contam anos em fórmulas e cálculos, se distinguem em sua separabilidade do que faz Butler ao transformar o corpo na própria máquina:

O evento racial é necessariamente sem tempo devido ao modo como a diferença racial reconfigura o colonial ao compreender o nativo e o escravo, como ferramenta científica (biológica) que imprime seus traços mentais (morais e intelectuais) fora da história (Ferreira da Silva, p. 410).

O evento racial em Butler trata-se de um emaranhado temporal no qual a relação de causalidade, permanência e convocação supera as lógicas organizadas das viagens de tempo ordenadas, nas quais eventos se repetem, conduzem a um novo e organizam um devir de uma forma pré-determinada. Da mesma forma, a construção do corpo de Dana é tão emaranhada com seu passado que a decisão de enfrentar Rufus faz com que ela perca um pedaço de seu próprio corpo. Os efeitos na sua “ferramenta científica” mostram que os traços da história estão, de certa forma, fora da história, emaranhando e constituindo as bases de um pensamento e de uma existência corporal não só de Dana, mas da humanidade.

O tempo em *Kindred* não é um paralelo histórico. Dias num período equivalem a segundos em outro, minutos a meses. A total desorganização matemática e técnica dessa viagem sugere um abalo metafísico: não é a máquina que viaja pelo tempo, tampouco a ciência quem conduz o corpo. O tempo é biológico, nesse sentido. Corpos marcados pelo colonialismo e a escravidão são marcados pelo passado no curso de sua genética, e a sua existência com permanências desse passado faz deles máquinas biológicas da viagem no tempo. Mesmo – ou talvez ainda mais – quando são mortos. A curta vida, interrompida pelo racismo e suas distintas formas de violência, inclusive estatais, é uma das formas cruéis pelas quais ideologia e sistema social intervém nos dados biológicos e mesmo químicos da vida humana. Enquanto a sociedade moderna prolonga a vida, às negras e negros não é possível sonhar com qualquer longevidade. O contraste entre a

morte tardia e precoce posiciona, dessa forma, os corpos numa espécie de prisão de um passado onde não há ciência avançada, métodos preventivos de saúde, trabalho decente. A bala da polícia, a dengue, a desnutrição, a fome e o trabalho precário fazem com que, mesmo não escravizados, negras e negros, maioria na classe trabalhadora do Brasil, sejam um lastro do presente com um passado colonial e escravista.

LILITH DE *DAWN*: O CORPO E A VIAGEM ONTOLÓGICA DO TEMPO

Terminamos a seção anterior falando sobre o corpo como máquina ou ferramenta biológica. Não há forma melhor de conectar as duas personagens de Butler do que através dessa analogia. Lilith Iyapo, a heroína futurista do romance *Dawn* que também não viaja por vontade própria, é vítima de um sequestro que a faz dormir por alguns séculos e a desperta quando é considerado seguro despertar. De Lilith também é extraído seu direito ao desejo, e seu destino se modula a partir do desejo de um outro. Mas na viagem de Lilith está entrelaçado ao destino dela o de toda a humanidade, evocando um debate filosófico sobre a ontologia do ser.

Na narrativa de *Dawn*, a espécie humana embarca em uma nova guerra mundial devastadora, e diante de sua provável autodestruição, uma espécie alienígena decide preservar espécimes com o objetivo de se fundir geneticamente. A viagem, outra vez contando com o corpo como ferramenta biológica, tem o objetivo de preservar uma espécie. O ato é contraditório em si: a espécie que se mata é capaz de manter-se existente dadas as novas condições, ou a forma de seu ser, sua ontologia, está baseada na autodestruição?

Lilith – e ao longo da ficção nos são apresentados outros humanos – é mantida viva ao longo de séculos para que possa seguir existindo humanidade. Entretanto, sua existência não se dá nos termos do que seriam considerados direitos humanos de existência, ou seja, vivendo em liberdade, com direito à educação, cultura etc. Nessa viagem no tempo, Lilith sofre um deslocamento diante de um outro que a nomeia *humana*, de uma forma que ela própria talvez não se nomeasse frente à humanidade, já que o que se considerava pessoa no seu tempo original lhe era negado como mulher negra. Essa “máquina do tempo” ganha contornos de afrofuturismo: enquanto os contornos de uma herança da escravidão permanecem na subjetividade e na biologia de Lilith, a possibilidade de uma ontologia que a inclua se mostra, pouco a pouco, viável, não sob o manto da humanidade que a excluiu, mas numa ontologia alienígena.

Seria possível, aqui, relacionar Butler a alguns críticos do *humanismo*. Em “Humanism: a critique”, Kate Manne (2016) explica como os pressupostos do humanismo consideram premissas que se anulam em diversos contextos, como o da guerra, da misoginia, do racismo, da escravidão.

Na perspectiva humanista, esse comportamento resulta frequentemente do fato de as pessoas não reconhecerem alguns dos seus semelhantes como seres humanos. As primeiras podem, em vez disso, ver as segundas como criaturas sub-humanas, animais não-humanos, seres sobrenaturais (por exemplo, de mons, bruxas), ou mesmo como meras coisas (ou seja, objetos sem sentido). Se as pessoas pudessem apenas apreciar a sua humanidade partilhada ou comum, então teriam dificuldade em maltratar outros membros da espécie (Manne, 2016, p. 390, tradução nossa).

A contradição da lógica humanista é que a cada tentativa de definição do que é ser humano – e portanto de quem merece cuidado, respeito, carinho – é preciso definir quem não é humano, ou o que, quais ideias, conceitos ou sentimentos não são humanos. Nessa saga, seres humanos de todo tipo foram tratados de formas, por assim dizer, desumanas.

Quando exposta às outras pessoas também preservadas, as tensões que se apresentam diante de Lilith levam outra vez à ameaça de sua sobrevivência, por efeito do questionamento coletivo dos humanos ao seu redor de se ela é humana ou foi alterada. Uma das características alienígenas que Lilith adquire para sobreviver é uma força excessiva que assusta os outros humanos, uma característica por vezes associada às mulheres negras, seja na prática de tortura médica seja como reconhecimento da força necessária para lidar com a realidade e a sobreposição de patriarcado e racismo que nos torna frequentes alvos de violência. Qualquer das duas forças – a física ou a emocional/subjetiva – são um envase de elogio para um conteúdo de desumanização, que leva a que se entenda que aguentamos mais qualquer dor – a física, a sexual, a materna, a emocional.

Frente à violência vinda de sua própria espécie, Lilith se conforta nas possibilidades de existência apresentadas a ela por uma espécie que, diante dela, se apresentou como estrangeira, porém dócil e cuidadosa, com aspectos interessantes, como a constituição de famílias poligâmicas e com membros sem gênero, tudo isso em um romance de 1987! Lilith, uma mulher negra, reconhece maior possibilidade de ser entre os que não determinaram os contornos do que é possível ser, ao ponto de, na continuidade da saga *Xenogênese*, ser retratada como membro de uma comunidade livre mista entre humanos e oolais (os alienígenas). Teria ela assim renunciado à sua vinculação a uma determinação dolorosa de humanidade? A proximidade com Fanon é gritante:

Desde que era impossível livrar-me de um complexo inato, decidi me afirmar como Negro. Uma vez que o outro hesitava em me reconhecer, só havia uma solução: fazer-me conhecer (Fanon, 2008, p. 108).

Em sua fantasia afrofuturista, nos termos de imaginações de um futuro possível na síntese ou na contradição entre as heranças coloniais e escravocratas e as potências da existência negra (Freitas e Messias, 2018, p. 4-6), talvez o que Butler proponha é que seja preciso o fim da humanidade – ou de alguma humanidade – para que o negro possa existir. Em um novo diálogo com Fanon, parece haver uma provocação de que talvez seja preciso abolir a sociedade e a existência da forma como são para que seja possível incluir todas as identidades dissidentes. Nessa nova espécie, oriunda de fusões genéticas e transformações culturais e biológicas, um novo corpo passa a existir, com características que lançam apenas à memória o que um dia foi o corpo humano, cheio de defeitos, doenças e desequilíbrios. Esses novos corpos são distintos entre si, carregam características incomuns entre um e outro. E se *ser e tempo* são funções imbricadas, talvez desses novos corpos nasçam novas possibilidades temporais, novos futuros e, quem sabe, novos passados.

CONCLUSÃO

A leitura combinada e alternada das personagens Dana e Lilith e suas duas formas de viagem no tempo demonstram que, apesar de destinos diferentes e funções opostas – de embate de memória, por um lado, e construção de utopia, por outro – Butler provoca desafios ontológicos e

de experiências com a História, todos a partir do reconhecimento do status de todo corpo negro como máquina biológica do tempo, impregnado pela herança escravocrata e pelo racismo presente, que produzem desafios para a existência do sujeito no tempo atual e também no exercício de esperanças para o futuro. Nessas viagens, ao passado ou ao futuro, verificamos a enorme dificuldade de construir qualquer sentido de existência e de resistência que passe por fora de resolver a herança maldita da antinegitude. Se Fanon explicou o dilema ontológico da negra e do negro com a imagem de peles negras forçadas a vestir máscaras brancas, nas fórmulas afrofuturista e afropessimista de Butler, algo parecido é exposto. Futuros possíveis são imaginados através da experiência do corpo negro com o passado, negando a humanidade antinegra e apostando em xenogêneses; passados horríveis são experimentados a partir do sangue e da pele, abrindo brechas temporais em cada canto de nossas casas.

O livro discute se em algum sentido é possível pensar num desejo da Dana pela viagem – um desejo complexo, ambivalente e contraditório, mas que aparece no seu interesse por pesquisar a história da escravidão e a vida de seus antepassados. É também nesse livro que se utiliza o vocabulário do sadomasoquismo para perguntar – e no livro é mesmo uma indagação, não uma certeza – sobre o sentido (terapêutico? traumático?) da encenação em outros termos do passado escravista.

REFERÊNCIAS

- BROWN, William Wells. *Narrativa de William Wells Brown, escravo fugitivo, escrita por ele mesmo*. São Paulo: hedra, 2020.
- BUTLER, Octavia. *Dawn*. New York: Warner Books, 1997.
- BUTLER, Octavia. *Kindred*. São Paulo: Morro Branco, 2023.
- ESCOTT, Paul (Org.). *Nascidos na escravidão: depoimentos norte-americanos*. São Paulo: hedra, 2020.
- FREITAS, Kênia; MESSIAS, José. O futuro será negro ou não será: Afrofuturismo versus Afropessimismo – as distopias do presente. *Imagofagia – Revista de La Asociación Argentina de Estudios de Cine y Audiovisual*. Disponível em: <www.asaeca.org/imagofagia/index.php/imagofagia>. Acesso em 21 jan 2024.
- HARTMAN, Saidiya. *Scenes of subjection, terror, slavery, and self-making in nineteenth-century America*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1997.
- HARTMAN, Saidiya. *Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.
- MANNE, Kate. Humanism: a critique. *Social Theory and Practice*, v. 42, n. 2, p. 389-415, 2016.
- RACKED E DISPATCHED. *Afro-pessimism, an introduction*. Minneapolis: Racked e Dispatched, 2017.
- FANON, Frantz. A experiência vivida do negro. In: FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EdUFBA, 2008.
- FERREIRA DA SILVA, Denise. O evento racial ou aquilo que acontece sem o tempo. In: PEDROSA, Adriana et. al. (Orgs.). *Histórias Afro-atlânticas: vol. 2*. São Paulo: MASP, Instituto Tomie Ohtake, 2018, p. 407-411.
- LEVY-HUSSEN, Aida. *How to Read African American Literature: Post-Civil Rights Fiction and the Task of Interpretation*. Nova York: New York University Press, 2016.
- PINHO, Osmundo. Perspectivismo e Afropessimismo. *Novos Debates*, v.7, n. 2. Brasília: Associação Brasileira de Antropologia, p. 1-21, 2021.
- ROWELL, Charles. An Interview with Octavia E. Butler. *Callaloo*, v. 20, n. 1, p. 47-66, 1997.
- TWAIN, Mark. *A Connecticut Yankee in King Arthur's Court*. Irvine: Saddleback Publishing, 2006.
- WELLS, Herbert George. *The Time Machine*. San Diego: ICON Group International, 2005.

LETÍCIA DE OLIVEIRA é mestranda em História Social na USP, onde investiga as contribuições do coletivo Combahee River (Boston, EUA, 1974) para a construção de uma história intelectual do feminismo negro. Possui graduação em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Atua em palestras e jornais como educadora na temática de gênero, raça e classe. É organizadora dos livros *Mulheres Negras e Marxismo* (2020, ISKRA) e *A Revolução e o Negro* (2019, ISKRA) e co-autora no livro *Nós mulheres, o proletariado* (MARTINEZ, 2022, ISKRA). Contato: leticia.panzette.oliveira@alumni.usp.br. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9336972212040370>.